

## BOOK REVIEW

## RESENHA DE LIVRO

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Geomorfologia e Geografia Física: uma (re) leitura**. 1ª edição. Rio Grande do Sul: Editora Unijur, 2002. 112 p.

**Andreza Tacyana Felix Carvalho**

Géografa pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

[andrezafelix2009@hotmail.com](mailto:andrezafelix2009@hotmail.com)

Na Parte I nomeada como “Geografia Física: um reflexão”, aborda e coloca em discursão a divisão pedagógica da Geografia, salientando e reforçando que a Geografia como ciência, tem como objetivo a interpretação entre os fatores da natureza e da sociedade em comum relação, baseado nisso, é que se inicia e se desenvolve uma reflexão sobre a dicotomia da Geografia Física e da Geografia Humana, separação que se faz presente, e que para alguns Geógrafos é indiscutível, sendo necessário para esses a obrigação de optar por uma das divisões.

Essa primeira descrição do objetivo da Geografia vem atualmente sendo difundida por Geógrafos que acreditam na avaliação da organização do espaço considerando os componentes do meio natural, limitando-se a levar em conta o impacto econômico e social sobre a natureza, ou seja, tem-se uma idéia de totalidade, logo, a Teoria Sistêmica ou Geossistema.

Seguindo, a autora destaca algumas questões necessárias para a compreensão da natureza na Geografia, são elas: É necessário que nível de abrangência do conhecimento da natureza no contexto histórico? Em que medida a natureza entra como elemento de análise em Geografia? E em que medida o acadêmico de Geografia deve conhecer a natureza?

A partir desses questionamentos surge a preocupação de como o homem com toda sua importância e participação pode ser excluído, ou mesmo desconsiderado na análise do meio? Esse pensamento é a partir daí questionado no âmbito do ensino da Geografia numa visão ampla, total, referindo-se e levando em conta a origem, a formação e a transformação da natureza de forma integrada. São apresentadas algumas propostas no formato de indagações, que nos faz refletir a importância da Geografia e seu ensino, além de enfatizar o pensamento sobre uma nova Geografia Física, integrante dos fatores da natureza e do homem como individuo e sociedade.

---

Recebido em 22/01/2009

Aprovado para publicação em 10/03/2008

E é fundamentado nesses pensamentos, que a autora apresenta a questão ambiental difundida no final do século XX tomando o ambiente de forma ampla e complexa, como espaço interno ao homem, geralmente identificado como natureza, ambiente natural, interagindo com o meio social, político e econômico; daí as áreas de conhecimento que trabalham essa questão: Ecologia e Geografia.

A Ecologia dividindo-se em três formas distintas de acordo com suas concepções: a Ecologia Natural (considerando o ambiente como espaço externo ao homem), a Ecologia Humana (que une os processos físicos e biológicos, associando-os) e a Ecologia Política (considera o ambiente como uma totalidade).

Já na Geografia esse conceito de ambiente é diretamente ligado ao conceito da Geografia Física, preocupando-se especialmente a elementos externos ao homem, mais uma vez produzindo o seguinte questionamento: se a Geografia é a Ciência que estuda a interação entre o homem e o meio, ou que estuda a apropriação da natureza pela sociedade.

Essa divisão pedagógica de Geografia Física e Geografia Humana iniciada no século XX, no decorrer dos anos foram fragmentando-se e compartimentando-se em subáreas e especializações, perdendo a dimensão desse conceito de ambiente.

E a partir dessa fragmentação, menciona a autora, é que surge a Geomorfologia como área da Geografia Física, sendo também fonte de discursões e questionamentos sobre seus conceitos e suas concepções: alemã (com tradição naturalista) e anglo-americana (ligada à Geologia estrutural e à quantificação). Mas nos anos 70, acontece aí uma transformação, a Escola alemã começa a ter preocupações ambientais e a Escola anglo-americana de tradição dedutivista tem suas preocupações voltadas à análise morfométrica, na teoria probabilística e na teoria do equilíbrio dinâmico como formas de explicação do relevo, entre outras.

Surge então, ramos da Geografia Física como a Geomorfologia, a Hidrogeografia, a Climatologia, preocupadas também com a questão ambiental, no intuito de responder indagações sobre a ocupação em espaços significativos da Ciência decorrentes da aceleração da produção, refletindo na estrutura Geomorfológica preocupando-se com a dinâmica dos processos; em contraposição à Geomorfologia descritiva e classificatória que ocupa-se com a morfogênese do relevo e sua contribuição, ordenação e planejamento, onde compreender essas mudanças de fundamental importância para a análise ambiental.

A seguir, a autora faz algumas considerações sobre o fazer científico: natureza, sociedade e Geografia, propondo uma transformação no paradigma, que separa o objeto do meio, resultando dessa divisibilidade da natureza e da humanidade um empecilho para uma visão conjunta do espaço, Logo, essa compartimentação da Geografia é que impõe limites no conhecimento (não sendo mérito apenas da Ciência Geográfica).

Essa mudança de paradigma vai além e reflete no contexto científico sobre a relação natureza – homem, como já citado anteriormente. Descartes inicia uma concepção substituindo a perspectiva medieval pela disjuntiva, que consiste na separação conceitual de natureza e sociedade, valorizando o conhecimento das partes. Pouco mais tarde, essa idéia é associada às idéias de Newton começam a expressar o mundo em sua generalidade através de relações da causa e efeito.

E são a partir dessas concepções que ciências como a Geologia, a Biologia, a Filosofia, as Ciências Políticas e a Física se desenvolvem, se reestruturam, se apóiam e trazem a debate uma nova visão de mundo, onde a natureza e a sociedade são sistemas.

Outros conceitos bastante discutidos no âmbito da Geografia, são os conceitos de Holismo (que expressa através das idéias de organismo e ordem) e Totalidade (bastante semelhante a conceito de Holismo, incluindo que, o conhecimento aqui é um processo acumulativo e inacabável pois nunca chega a etapa final).

São concepções como essas que vêm permitindo aos Geógrafos realizar uma avaliação das fragmentações do espaço geográfico. Para a Totalidade, o espaço geográfico é um produto das relações sociais e a paisagem é a expressão da produção da natureza pelo homem.

Seguindo, na parte II do livro chamada “Geomorfologia”, a autora aborda os novos conceitos e abordagens do ramo, além de mostrar algumas de suas principais preocupações, discutindo desde os diferentes conceitos, suas implicações e como a partir deles diferentes abordagens podem ser dadas, considerando pontos diferentes de análise, desde a consideração da atuação do homem na natureza ou não no meio natural à conexão desses fatores natureza e homem.

Exemplos dessas novas abordagens podem ser apresentados pela Geomorfologia Antrópica, Geomorfologia Urbana, Geomorfologia Submarina, Geomorfologia Ecológica e Geomorfologia Planetária, surgentes todas das atuais necessidades da Ciência, associando o conhecimento geomorfológico ao período em que vivemos.

Parte daí a importância da adoção e a consideração do tempo na Geomorfologia - Tempo geomorfológico, tornando-se assim, a Geomorfologia uma ciência histórica, onde o tempo atua de maneira irreversível e contínuo na natureza, havendo uma seqüência de acontecimentos e que esses mesmos podem ajudar na compreensão do presente.

De tal maneira, o tempo se torna aliado e fator de inteira importância à Geologia e à Geomorfologia, em ambas as disciplinas se expressam em periodização diferentes, mas o caso que se atém é a escala periódica geomorfológica. Essa temporalidade em análise é indispensável para a compreensão da origem da Terra juntamente com a interferência antropogênica e assim permite o novas possibilidades de estudo à Geomorfologia.

São fatores como esses que puseram em chão idéias que se sustentavam em fatos bíblicos para justificar e explicar as origens da Terra e seus eventos. A descoberta e adoção do tempo profundo permitiram definir os limites do tempo geológico e do tempo geomorfológico relacionando-se diretamente com a origem e constituição da terra no caso da Geologia e das formas existentes na superfície da Terra, resultantes de processos endógenos e exógenos. Daí surgem as divisões periódicas da Geologia e da Geomorfologia, capazes de abranger em sua extensão particularidades de cada Era; sendo hoje bastante usada para a compreensão de diversos fatores na superfície da Terra.

A autora logo mais expõe idéias de diversos cientistas e faz a partir delas uma reflexão e interpretação das transformações decorrentes da aceleração da tecnociência, destacando a importância e necessidade de reavaliar as categorias de tempo e espaço, visto que, nas últimas décadas as mudanças ocorridas se desenvolvem e se apresentam de maneira muito rápida em comparação a períodos anteriores, acarretando assim também uma meditação sobre a concepção de tempo em Geomorfologia.

“O tempo que faz é o tempo das irregularidades, dos episódios catastróficos, dos eventos esporádicos, dos ritmos e das variabilidades”, assim SUERTEGARAY (2002) conceitua o tempo.

Por fim, na parte III, são abordada as novas tecnologias e o trabalho de campo, a aplicação de novas tecnologias como sensoriamento remoto e geoprocessamento, aliadas a Geografia Física, permitindo a representação mais exata da Terra, conseqüentemente expressando o mundo físico local através do mapeamento. Esses instrumentos hoje são de essencial importância e de grande utilidade para o estudo da área como uma parte ou o todo, juntamente com eficiente interpretação da representação, pois essas representações não respondem todas as questões, daí amais uma vez, enfatizado importância da articulação dos instrumentos e da interpretação.

Quanto ao trabalho de campo em Geografia, seja em pesquisa ou no ensino, é necessária a observação do meio, o levantamento dados, pesquisas de gabinete, interpretação do meio esteja ele representado ou ao natural. Remetendo enfim, sobre algumas questões fundamentais: a articulação sujeito e objeto / observador e observado; a reestruturação do sujeito; a articulação de diferentes níveis escalares e a interpretação da realidade e a reestruturação do objeto.

Ao término a autora faz um pertinente comentário sobre as pesquisas de campo e o ensino da Geografia nas escolas, propondo que essas atividades sejam executadas de maneira ampla e em conexão com outras áreas, construindo conseqüentemente um novo profissional, produzindo material para o desenvolvimento da Ciência e da humanidade.